

CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ELIAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NAS SOCIEDADES COMPLEXAS

CONTRIBUCIONES DE NORBERT ELÍAS PARA LA FORMACIÓN DE PROFESORES EN LAS SOCIEDADES COMPLEJAS

NORBERT ELIAS'S CONTRIBUTIONS TO TEACHER TRAINING IN COMPLEX SOCIETIES

Altair Alberto FÁVERO¹
Lidiane Limana Puiati PAGLIARIN²

RESUMO: Este artigo discute a formação de professores no cenário das sociedades complexas, tendo como problema central: como compreender os novos desafios da formação de professores a partir das sociedades complexas? Inicialmente, ancora-se em Garcia, Nóvoa, Tardif e Lessard para discutir o conceito e a constituição da formação de professores, bem como os novos desafios para a formação de professores. Após, discute-se os conceitos de ‘individualização’ e ‘socialização’ de Norbert Elias e estabelecem-se relações desses conceitos com a formação de professores. Defende-se a posição de que a formação de professores ocorre em diferentes tempos e espaços formativos e em momentos individuais e coletivos, formando uma teia de relações.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedades complexas. Formação de professores. Individualização. Socialização. Norbert Elias.

RESUMEN: *El presente artículo discute la formación de los profesores en el escenario de las sociedades complejas, siendo el eje central, la siguiente interrogante: ¿Cómo comprender los nuevos desafíos de la formación de profesores desde las sociedades complejas? Inicialmente, se parte en García, Nóvoa, Tardif y Lessard, para la discusión del concepto y de la constitución de la formación de los profesores, así como, de los nuevos desafíos para ello. Posteriormente, se discute los conceptos de “individualización” y “socialización” de Norbert Elias y, se establecen las relaciones de estos conceptos con la formación de los profesores. Se defiende la posición que la formación de profesores ocurre en diferentes tiempos y espacios formativos y, en momentos individuales y colectivos, construyendo una tela de relaciones.*

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo – RS – Brasil. Professor e pesquisador no Curso de Filosofia, no Mestrado e Doutorado em Educação da UPF. Pós-Doutorado (Bolsista Capes) pela Universidad Autónoma del Estado de México (UAEMéx), Doutorado em Educação (UFRGS), Mestre em Filosofia do Conhecimento (PUC/RS). ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-9187-7283>>. E-mail: altairfaver@gmail.com

² Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó – SC – Brasil. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Licenciada em Pedagogia pela UFSM. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas de Educação Superior da Região Sul e do projeto de pesquisa Interdisciplinaridade, Docência Universitária e Políticas Educacionais. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-5390-5167>>. E-mail: lidianepuiati@hotmail.com

PALABRAS CLAVE: *Sociedades complejas. Formación de profesores. Individualización. Socialización. Norbert Elias.*

ABSTRACT: *This article discusses the teacher formation in the scenario of complex societies, having as central problem: how to understand the new challenges of teacher formation from complex societies? Initially, it anchored in Garcia, Nóvoa, Tardif and Lessard to discuss the concept and constitution of teacher formation, as well as the new challenges for teacher formation. Afterwards, the concepts of 'individualization' and 'socialization' of Norbert Elias are discussed and relations of these concepts are established with the formation of teachers. It is defended the position that the formation of teachers occurs in different times and formative spaces and in individual and collective moments, forming a web of relations.*

KEYWORDS: *Complex societies. Teacher formation. Individualization. Socialization. Norbert Elias.*

Introdução

Atualmente, é comum a afirmação de que a sociedade está se modificando rapidamente, que ela está em um processo acelerado de transformações culturais, políticas, científicas, econômicas etc. A área da educação, em especial, é desafiada constantemente a trabalhar considerando todas essas transformações. Por um lado, a sociedade científica impõe que os professores acompanhem essas modificações e façam um trabalho para que os alunos deem sentido aos novos tempos que estão vivenciando. Por outro lado, os professores de hoje, formados dentro de uma concepção pragmática de ensino, sentem muitas dificuldades em acompanhar tais transformações e queixam-se que o perfil dos alunos modificou muito com o passar do tempo.

Apesar desse jogo de forças, o que se percebe é que estamos vivendo em uma sociedade que passa por profundas e permanentes transformações. Ao mesmo tempo, tem por característica e fluidez e a rapidez como os fatos ocorrem, como as pessoas se comunicam, se reinventam e produzem conhecimento. Cenci e Marcon (2016) citam como características da sociedade atual tanto as novas formas de vida e de relações entre as pessoas (a diversidade nas formas de vida, o reconhecimento da pluralidade étnico-cultural e de gênero, movimentos migratórios, redimensionamento do espaço-tempo etc), a forma de produção de conhecimento e de desenvolvimento de tecnologias, bem como as novas formas de trabalho (flexível e precarizado). Há também características dessa sociedade que influenciam diretamente na educação, como por exemplo, a mercantilização do ensino, precarização da educação formal, redução da

educação à instrução, entre outros. A esse processo que estamos vivenciando há diversas nomenclaturas. Nesse texto, utilizar-se-á o termo *sociedades complexas*.

O nome pode causar estranheza ou abalo às pessoas, mas como bem enfatizam Cenci e Marcon (2016), não podemos ver esse diagnóstico da sociedade atual de forma conformista, catastrófica ou acrítica; precisamos compreender esse momento como um processo dialético e se renovar com ele, pois a contradição é a mola propulsora e o parâmetro para compreender tais transformações que estão ocorrendo.

No contexto das sociedades complexas, todas as profissões são demandadas a repensar sua formação, sua identidade, seu papel. Na formação de professores essa demanda é ainda mais importante, pois o profissional (professor) trabalha diretamente com outras pessoas, indivíduos esses que vivem em diferentes condições, com diferentes culturas, diferentes idades e se reúnem na escola, um espaço plural de aprendizagens. Ou seja, o trabalho do professor também é complexo.

A própria concepção de formação de professores está sendo modificada com o passar dos anos. Antes vista como pronta e acabada ou como um fim por si mesma, a formação inicial hoje é concebida como uma formação básica, para início de carreira. Ao professor cabe a formação permanente, tendo a responsabilidade de estar em constante aprendizado, estudando, pesquisando, debatendo, fazendo cursos etc. Essa concepção de inacabamento tem de estar presente nos cursos de formação de professores, tanto na inicial quanto na continuada, haja visto que a seara de trabalho é complexa e, portanto, estar aberto a aprender com o outro é essencial.

Diante desse diagnóstico inicial, a problemática que surge é: *como compreender os novos desafios da formação de professores a partir das sociedades complexas?* Para debater tal inquietação, realizou-se uma pesquisa bibliográfica ancorada em Carlos Marcelo Garcia (1999), Antonio Nóvoa (2009), Maurice Tardif (2002) e Maurice Tardif e Claude Lessard (2005) para discutir novas demandas para a formação de professores, e no sociólogo Norbert Elias para fazer a relação do processo de civilização que envolve as sociedades complexas, a fim de estabelecer contribuições desse pensador para a formação de professores.

O presente texto está organizado em duas seções. A primeira delas discute sobre o conceito de formação de professores e como ela se desenvolve, afirmando que ela ocorre em diferentes tempos e espaços, individualmente, mas também de forma colaborativa. Também são discutidos desafios e demandas da formação de professores hoje. A segunda seção traz os conceitos de ‘individualização’ e ‘socialização’ de

Norbert Elias e faz-se a relação de como esses conceitos auxiliam a pensar a formação de professores. Para finalizar, ainda dentro da segunda seção, identifica-se a contribuição de dois pontos-chave em Elias para discutir a formação de professores: a relação de interdependência entre indivíduos e a ideia de individualização dentro de um grupo de pertencimento.

Novas demandas para a formação de professores

O conceito de *formação* é discutido por vários autores da literatura nacional e internacional. Marcelo Garcia (1999) traz alguns dos conceitos defendidos por autores renomados e, após, afirma que o conceito possui múltiplas perspectivas. Apesar disso, a maioria associa a formação ao desenvolvimento profissional, o que quer dizer que a formação não é um componente meramente técnico ou instrumental, mas pessoal e social. Logo, o conceito *formação de professores* também deve ser entendido dessa forma, pois essa formação não ocorre somente de maneira instrumental, mas também social, cultural, pessoal (GARCIA, 1999).

Assim, defende-se que

A formação de professores é a área de conhecimentos, investigação e de propostas teóricas e práticas que, no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipa, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram os seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem (GARCIA, 1999, p. 26).

Diante disso, pode-se afirmar que a formação de professores vai além do estudo obtido em um centro de formação, vai além daquele conhecimento unilateral (do professor formador para o aluno licenciando); ela implica aprendizagem em grupo, discussão de experiências profissionais, ou seja, precisa haver socialização entre pessoas. Isso indica que a formação de professores é um processo e não um produto final, é contínua e não estanque, é individual, mas também coletiva.

Nesse sentido, o desafio que Garcia pontuou ainda nos anos de 1990 continua bastante atual: a formação de professores deve capacitar os profissionais para realizar trabalhos em colaboração, pois ainda que o professor passe a maior parte do tempo em

sala de aula, sua profissão necessita de trabalho em grupo para, por exemplo, desenvolver o projeto pedagógico da escola.

Nesse mesmo sentido, Nóvoa (2009) indica três medidas para superação de dilemas atuais que envolvem a formação de professores. A primeira delas refere-se ao lugar onde acontece essa formação, pois geralmente a universidade é vista como a única instituição responsável pela formação, quando a escola também deveria ser vista como responsável. Assim, os professores formadores seriam não somente aqueles que atuam nas universidades, mas também aqueles que atuam nas escolas, o que implicaria que o futuro professor tivesse relações com mais de um grupo social, nesse caso, a escola.

A segunda medida propõe uma reorganização na profissão, com novas formas de governo e de controle da profissão, de modo que surjam parcerias mais autônomas entre o mundo profissional e o universitário. Porém, “a colegialidade, a partilha e as culturas colaborativas não se impõem por via administrativa ou por decisão superior”. Ao mesmo tempo, “não é possível preencher o fosso entre os discursos e as práticas se não houver um campo profissional autônomo, suficientemente rico e aberto” (NÓVOA, 2009, p. 20). Nesse sentido, é urgente criar um movimento pedagógico que prime pelo desenvolvimento profissional em grupo de professores e ampliar as chamadas culturas colaborativas.

A terceira medida refere-se à identidade profissional docente, formada pela dimensão profissional, mas também pela dimensão pessoal. A ideia é “construir um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento) (sic) no interior do conhecimento profissional e de captar o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica”. Para o autor, é preciso recusar os cursos de formação continuada que tem por objetivo apenas o consumismo e investir “na construção de redes de trabalho colectivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional”. Tal medida contribuiria para a visibilidade no espaço público, ou seja, a comunicação com a sociedade, o que auxiliaria na própria identidade docente. Além disso, “nas sociedades contemporâneas, a força de uma profissão define-se, em grande parte, pela sua capacidade de comunicação com o público” (NÓVOA, 2009, p. 22-24).

Assim, o desafio que Nóvoa (2009) propõe é a realização de uma educação permanente. Ele afirma que a educação permanente antes era vista como um direito dos trabalhadores, incluindo os professores. Depois, com as mudanças no mundo do trabalho, transformou-se em uma necessidade. E hoje ela é uma obrigação, dado as

constantes mudanças que estão ocorrendo na sociedade, seja em relação à tecnologia, nas relações ou nas formas de comunicação entre as pessoas.

Sabe-se que até pouco tempo os cursos de licenciatura no Brasil eram tradicionalmente marcados por uma dicotomia entre teoria e prática, sendo a primeira supervalorizada em relação à segunda. Por consequência, o trabalho dos professores que atuam em universidades também tinha supremacia sobre o trabalho realizado na escola. Nesse sentido, a ideia de formação compartilhada dificilmente era desenvolvida. Além disso, tais cursos eram marcados por uma formação mais técnica e pragmática, o que não valorizava o diálogo e o trabalho colaborativo.

Nesse sentido, a discussão que Garcia (1999) e Nóvoa (2009) trazem sobre a formação de professores é importante porque vislumbra novas demandas para a formação desses profissionais. Ambos são claros ao defender a ideia de uma formação compartilhada entre escolas e universidades, uma formação que priorize mais o diálogo e a construção coletiva do que uma formação individual e pragmática.

Ao discutir sobre os tempos e espaços onde os professores aprendem sua profissão, Tardif (2002) também enfatiza a socialização como um aspecto muito importante. E para ele não é somente a socialização com outros professores, é também com seu “objeto” de trabalho (o aluno), assim como com diferentes grupos sociais tanto anterior como durante e após sua formação inicial.

Para ele, a formação do professor ocorre em diferentes tempos e espaços formativos, de maneira individual e coletiva. São, portanto, saberes bastante plurais. E não só plurais como também sociais. Tardif (2002) defende que o saber dos professores é um saber social, pois é partilhado por um grupo que possui formação comum (professores); é um saber produzido e legitimado por diversos grupos (comunidade científica, sindicatos, ministério da educação, universidades etc); é social também porque o professor trabalha com sujeitos, sendo a profissão uma prática social; a maneira como os professores ensinam evolui com o tempo e com as mudanças sociais; por fim, é um saber social porque é construído ao longo de uma carreira profissional, havendo uma socialização da profissão.

Esses diferentes tempos e espaços referem-se à vivência anterior à formação inicial, na própria formação inicial e na formação continuada. A vivência anterior à formação inicial constitui elemento formativo à docência, seja a experiência escolar, da família, das representações sociais da profissão. Antes mesmo de ensinarem, os futuros professores viveram em seu futuro local de trabalho (salas de aula, escola) e essa

imersão é necessariamente formadora, pois leva esses futuros professores a adquirirem crenças, valores, representações e certezas sobre a prática profissional docente (TARDIF, 2002).

Na formação inicial docente são desenvolvidos saberes próprios à docência. Há diversos autores que discutem sobre esses saberes. Embora com diferentes nomenclaturas, todos esses autores partilham de um mesmo pensamento: a profissão de professor possui um conjunto de saberes próprios ao seu exercício. Tardif (2002) cita como constituintes do professor os saberes da formação profissional das ciências da educação e da ideologia pedagógica (saberes produzidos pela ciência da educação e destinados à formação científica dos professores), os saberes disciplinares (que correspondem aos diversos campos do conhecimento), os saberes curriculares (discursos, objetivos, conteúdos e métodos de ensino) e os saberes experienciais ou práticos (desenvolvidos no seu trabalho cotidiano). Para esse autor, todos esses saberes são plurais e desenvolvem-se tanto de forma individual quanto coletiva.

A formação continuada, realizada mediante cursos ou discussões com seus pares é igualmente importante para a formação docente. Tardif e Lessard (2005) enfatizam que o trabalho do professor é, necessariamente, de interações humanas. Eles explicam que o trabalho com seres humanos não é exclusivo do professor, há diversas profissões que lidam com interações humanas, dentre elas, serviços sociais, psicólogos, médicos etc. Mas o professor desenvolve um trabalho sobre, para e com seres humanos, o que torna uma forma particular de trabalho sobre o humano. Nesse sentido, ser professor não é uma profissão solitária. Embora ainda seja, em determinados momentos (na sala de aula, por exemplo), marcado por uma solidão em relação aos seus colegas, esse professor está em interação com os alunos; logo, está desenvolvendo seu trabalho por meio da interação humana.

Portanto, tomando por base que a natureza do trabalho do professor é a interação humana, percebem-se novas exigências para a profissão, pois trabalhando com pessoas que estão em constantes mudanças, em uma sociedade que tem por característica a permanente e profunda mudança de tempo, espaço, ideias, formas de comunicação e interação, com uma cultura em movimento, o professor, por consequência, também tem de acompanhar esse processo e se reinventar.

Garcia (1999) cita a *mudança* como uma atitude de todo o professor que está em desenvolvimento profissional. Tal atitude, segundo ele, supera o caráter individualista da formação do professor. Ele se apoia em Escudero para afirmar que “a formação e a

mudança devem ser pensadas em conjunto [...]. Simultaneamente, a formação bem entendida deve estar preferencialmente orientada para a mudança” (ESCUADERO, 1992, apud GARCIA, 1999, p. 139).

Vê-se aí a importância de uma educação permanente, de estar aberto a novas aprendizagens e desenvolver uma cultura colaborativa nos seus espaços de trabalho em que a ideia de mudança esteja sempre presente.

A seção seguinte discute, de forma mais profunda, as relações entre a formação de professores e as sociedades complexas diante desses novos desafios à formação de professores.

A contribuição de Norbert Elias para o entendimento das relações sociais e da educação: aproximações com a formação de professores

Um dos autores que tem sido base nas discussões sobre as relações sociais nas sociedades complexas é o sociólogo alemão Norbert Elias. Mais do que contribuir para o entendimento da sociedade em geral, seu aporte também se dá para o campo da educação, embora não tenha sido sua pretensão inicial. Leão cita algumas das contribuições de Elias para esse campo:

No campo dos estudos educacionais, o trabalho de Norbert Elias abre caminhos para a compreensão da formação do indivíduo e suas implicações com as apropriações dos objetos da cultura, como os modos de ler e as relações com os livros. Também propicia a análise dos efeitos produzidos pelos bens simbólicos no espaço social e dos processos de interiorização dos constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo (LEÃO, 2007, p. 10).

O ponto central da teoria elisiana refere-se aos conceitos de individualização e socialização no processo de civilização. Sobre o processo de civilização, Elias afirma que “a civilização não supõe destinos sociais uniformizados nem mentalidades abstratas e comuns a um dado período da história. [...] A civilização funciona muito mais em termos de pertencimento a grupos ou a situações sociais concretas” (LEÃO, 2007, p. 24). Ou seja, não há uma regra geral para a civilização, nem mesmo estruturas sociais coercitivas que definem exatamente o comportamento dos indivíduos; é a identificação e o pertencimento a um grupo social onde cada indivíduo tem sua função.

Sobre os processos de individualização e socialização, Elias (1994, p. 18) defende a teoria da *configuração*, a ideia de interdependência entre indivíduo e sociedade. Para

ele, indivíduo e sociedade, separados, são desprovidos de objetivo; “nenhum dos dois existe sem o outro”. Logo, há uma relação de interdependência, pois sem indivíduos não há sociedade e sem uma sociedade não há indivíduo. Não há relação de superioridade de um sobre o outro, o que há é uma forma de relacionamento entre ambos. Tais relações não são rígidas, mas sim maleáveis.

Cada grupo social tem as suas características e dentro de um mesmo grupo, as pessoas possuem sua individualidade; há atividades que os unem no grupo e atividades que os particulariza, ou seja, cada um tem determinada função na sociedade. Para Elias (1994, p. 27), “cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte”. Tal individualidade não depende apenas de uma constituição natural, mas de toda a estrutura social que ele cresce. Isso faz parte da “ordem oculta” (p. 21) da forma de vida na sociedade, que não é diretamente perceptível pelos indivíduos, mas que o restringe a determinadas funções e formas de vida.

Nas sociedades complexas, cada vez mais as pessoas têm a percepção da sua individualidade. Conscientizados dela, as diferenças assumem um valor especial. “Com a crescente diferenciação da sociedade e a conseqüente individualização dos indivíduos, esse caráter diferenciado de uma pessoa em relação a todas as demais torna-se algo que ocupa um lugar particularmente elevado na escala social de valores” (ELIAS, 1994, p. 117-118). Para o autor, sem o desejo de se destacar dos outros, a pessoa perderia sua identidade de indivíduo. Logo, a individualização passa a ser cada vez mais buscada e valorizada, formando a identidade de cada pessoa.

Apesar de haver individualidade entre as pessoas, também há interdependência entre os indivíduos de um mesmo grupo, isto é, “a necessidade de se destacar caminha de mãos dadas com a necessidade de fazer parte” (ELIAS, 1994, p. 124). Ou seja, ao mesmo tempo em que somos cada vez mais livres, também dependemos mais uns dos outros. Elias chama essa relação de “inerradicável interdependência das funções individuais”, em que

os atos de muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade tão complexa quanto a nossa, precisam vincular-se ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades. Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras (ELIAS, 1994, p. 23).

Diante disso, podemos afirmar que direta ou indiretamente precisamos de outras pessoas para viver. Apesar de conseguirmos resolver problemas com nossos próprios conhecimentos, precisamos de conhecimentos de outras especialidades para nos auxiliar, assim como nós auxiliamos outras pessoas com nosso conhecimento. Logo, desenvolve-se uma rede de interdependência. E é essa interdependência que constitui a sociedade em um nível cada vez mais complexo.

E como podemos estabelecer relações entre a teoria de Norbert Elias aqui exposta com a formação de professores? Para esse debate utilizar-se-á dois pontos-chave de Elias: a relação de interdependência entre indivíduos e a ideia de individualização dentro de um grupo de pertencimento.

A ideia de rede de interdependência ou de teias de relações defende que um indivíduo auxilia o grupo, assim como também depende de outros indivíduos para viver em sociedade. Para Elias (1994) uma criança pequena se torna em um adulto psicologicamente desenvolvido e um ser mais complexo somente porque viveu em um determinado grupo. Essa interdependência inicia quando criança e se estende por toda a vida, na medida em que cada indivíduo desempenha um papel no grupo social.

A formação de professores é um bom exemplo para entendermos tal teoria, pois nenhuma pessoa aprende sozinha a ser professor. Para ser professor, a pessoa passa por diferentes grupos sociais as quais influenciam na sua identidade profissional (família, escola, centro de formação/universidade, grupos de estudos e de pesquisas etc). Cada um desses grupos contribui para a formação (inicial e continuada) desse professor, assim como ele contribui para a existência e a evolução desses grupos. Há claramente aí uma relação de interdependência.

Nesse sentido, no contexto da formação de professores,

Isso seria afirmar que o professor é um ser eminentemente social e histórico. Ele não vive isolado e é inseparável do meio em que se encontra inserido; é um ser embriagado de cultura, e sua forma de pensar e agir são direcionadas, esteja ele consciente ou não, por suas percepções e manifestações diante do contexto sociocultural e histórico de seu tempo, que é fruto de todo um passado (HUNGER; ROSSI; SOUZA NETO, 2011, p. 699).

Outra relação de interdependência ocorre entre professores e alunos, compreendendo que a escola (e as turmas) constituem grupos sociais em que os diversos indivíduos precisam uns dos outros para se desenvolver nesse grupo: o professor precisa dos alunos, os alunos precisam do professor, um professor auxilia outro professor e a

equipe gestora da escola, assim como essa equipe gestora precisa que os alunos e os professores desenvolvam suas funções; a comunidade escolar e os sujeitos que frequentam diariamente a escola também se relacionam e dependem uns dos outros.

Assim, percebe-se que o ambiente escolar e a formação de professores de uma maneira mais ampla são exemplos de que um grupo existe e se desenvolve porque há teias de relações entre aqueles que participam desse grupo. Importante salientar que a formação do professor não ocorre somente nos centros de formação/universidades, mas sim em diversos espaços e tempos, conforme defende Tardif (2002).

A ideia de teia de relações relaciona-se com Garcia (1999) quando defende que a formação de professores implica aprendizagem em grupo, discussão de experiências profissionais, aprendizagem com seus pares, ou seja, é um processo contínuo em que diferentes atores contribuem para a formação do professor. Nóvoa (2009) também defende, nesse mesmo viés, as culturas colaborativas e a colegialidade como importantes ações para a formação de um professor, assim como também defende que a escola também seja responsável por essa formação, acreditando, com isso, que a participação do professor em diversos grupos sociais é importante para seu desenvolvimento profissional.

Ao mesmo tempo em que um professor pertence a um grupo social e tem uma relação de interdependência com os demais membros desse grupo, ele também tem sua particularidade. Assim, outro ponto a destacar na relação entre Elias e a formação de professores é a ideia de *individualização* dentro de um grupo de pertencimento. Tal ideia advoga que cada ser humano possui uma história única, singular e se constitui mediante as vivências dentro da estrutura social a qual pertence. Porém, sua particularidade só é desenvolvida por que ele viveu imerso em um grupo e, portanto, suas ações são reflexo dessa participação social.

Ou seja, sua identidade pessoal e profissional nasce e se desenvolve nesse grupo de pertencimento. A forma como um professor pensa e age nos ambientes formais de aprendizagem é compatível, estando ele consciente ou não, com o contexto sociocultural e histórico que ele está inserido. É por isso que Nóvoa (2009) defende a importância do professor construir o seu conhecimento pessoal, o autoconhecimento, já que a identidade docente se forma a partir de vivências pessoais e profissionais.

Em síntese, a relação que se estabelece entre os conceitos de interdependência e individualização de Elias e a formação de professores é que:

O indivíduo (professor) é o que é porque pertence a um grupo social, pois tudo o que ele (professor) se torna dá-se em relação aos outros. Logo, o *ser professor* adquire sua característica individual a partir da história de suas relações, de suas dependências e, por fim, da história de toda a rede humana em que convive (HUNGER; ROSSI; SOUZA NETO, 2011, p. 708).

Assim, percebe-se que Elias, apesar de não ter a pretensão de formular uma teoria para a formação de professores, nos auxilia muito a entender essa profissão tão complexa, que lida com seres humanos, que se relaciona e possui interdependência com outros grupos sociais e que, ao mesmo tempo, tem sua individualidade.

Considerações finais

Finalizando esse ensaio pode-se afirmar que estamos vivenciando novas relações entre indivíduos, novas formas de comunicação, de aprendizagem, de trabalho... enfim, é um período de transformações profundas e permanentes na sociedade. Acompanhar essas transformações faz parte do indivíduo inserido na sociedade.

Para o professor, acompanhar essas mudanças faz parte do seu trabalho, já que ele trabalha com e para seres humanos. Nesse sentido, vê-se a importância de reorganizar a própria forma de conceber e de desenvolver a formação de professores, pois essa formação não pode mais ser técnica e instrumental, mas sim pessoal, social, cultural.

Hoje, há a defesa pela organização de grupos de colaboração em que os professores discutam experiências, socializem concepções, enfim, aprendam uns com os outros de forma coletiva e estejam em uma educação permanente. Por trás dessa defesa há a concepção de que o indivíduo, ao mesmo tempo, forma e se forma nas relações sociais e que o professor só aprende porque está inserido em uma cultura, que não é estática; logo, os professores são atores sociais e não executores de atividades.

Tal concepção pode ser ancorada em Norbert Elias, o qual defende que nas relações sociais há, ao mesmo tempo, a individualidade do ser humano e também uma interdependência desse com os demais indivíduos. Na formação de professores, pode-se afirmar que há essa dupla relação: há aprendizagens docentes que são realizadas de forma individual, mas há aprendizagens profissionais docentes que só são possíveis de ser desenvolvidas em grupo (escola, centro de formação, grupos de estudo, grupos de pesquisa etc).

Nesse sentido, a ideia de que aprende-se a ser professor somente na universidade/centro de formação inicial deve ser revista para dar espaço à ideia de que

aprende-se quando o profissional está inserido em grupos sociais. A ideia de interdependência é bastante presente na formação de professores, pois ao mesmo tempo em que esse professor auxilia outros indivíduos, também precisa ser auxiliado, ao mesmo tempo em que ensina também aprende, ao mesmo tempo em que constrói e socializa alguns conhecimentos, precisa de conhecimentos de outras áreas. E assim se forma uma *rede de interdependência*, conceito construído por Elias para auxiliar no entendimento da sociedade.

Para finalizar, pode-se afirmar que a formação de professores ocorre em diferentes tempos e espaços, com diferentes sujeitos, diferentes grupos sociais e nas relações com diversos indivíduos. Apesar de que cada pessoa constrói as suas aprendizagens (aprendizagens individuais), essa pessoa só consegue construí-las porque está inserida em um grupo social (aprendizagens coletivas). Ou seja, o professor não é um ser a-histórico; pelo contrário, a forma como ele pensa, age e trabalha é compatível com as vivências grupais e ao trabalhar se depara com indivíduos que também estão imersos pela cultura do grupo que pertence, o que torna a profissão ainda mais complexa e desafiadora. Estar atento a essas características e às modificações dessas é condição para o professor desenvolver com qualidade seu trabalho.

REFERÊNCIAS

CENCI, A.; MARCON, T. Sociedades complexas e desafios educativos: individualização, socialização e democracia. In: MÜHL, E.; DALBOSCO, C.; CENCI, A. (orgs). **Questões atuais da educação: sociedade complexa, pensamento pós-metafísico, democracia e formação humana**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GARCIA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

HUNGER, D., ROSSI, R., SOUZA NETO, S. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 697-710, 2011.

LEÃO, A. **Norbert Elias & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Como referenciar este artigo

FÁVERO, Altair Alberto.; PAGLIARIN, Lidiane Limana Puiati. Contribuições de Norbert Elias para a formação de professores nas sociedades complexas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1598-1611, out./dez., 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.unesp.v13.n4.out/dez.2018.10998

Submissão em: 01/02/2018

Revisões requeridas: 12/02/2018

Aceito em: 15/07/2018